


NOS BAILES ARRABALDINOS: EXPERIÊNCIAS E TENSÕES ENTRE CLUBES DANÇANTES DE BANGU (1899-1922)

Recebido em: 21/11/2020

Aprovado em: 19/06/2021

Licença: 

Nei Jorge dos Santos Junior¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Faculdade União Araruama de Ensino (UNILAGOS)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

RESUMO: Nas primeiras décadas do século XX, as sociedades dançantes Flor da União e Flor da Lyra tornaram-se referências no que tange aos divertimentos em Bangu e nos demais bairros suburbanos da cidade do Rio de Janeiro. Tendo em conta que foram expressões de movimentos de formações identitárias e de busca de valorização local, este estudo tem por objetivo discutir as experiências dessas agremiações dançantes, tanto na lógica que explica a organização, quanto aos desafios e tensões que seus membros enfrentaram para consolidá-las. Quanto ao recorte em tela (1899-1922), levou-se em consideração a fundação da sociedade Flor da União, em 1899, e, 1922, período em que os movimentos irradiados ao redor das atividades dos clubes tornaram-se cada vez mais ocasionais. Dessa forma, esperamos elucidar um trajeto distinto sobre a história do bairro, dos subúrbios e do Rio de Janeiro, na tentativa de compreender como atores diversos foram centrais na formação do espaço, ou seja, atuaram na constituição de uma identidade local.

PALAVRAS-CHAVE: Diversão. Rio de Janeiro. Subúrbios. Bangu.

IN ARRABALDINE DANCES: EXPERIENCES AND TENSIONS BETWEEN DANCE CLUBS IN BANGU (1899-1922)

ABSTRACT: In the first decades of the 20th century, the dance societies Flor da União and Flor da Lyra became references in terms of entertainment in Bangu and in the other suburban neighborhoods of the city of Rio de Janeiro. Bearing in mind that they were expressions of movements of identity formations and the search for local valorization, this study aims to discuss the experiences of these dancing associations, both in the logic that explains the organization, as well as the challenges and tensions that its members faced to consolidate themselves. them. As for the cutout on canvas (1899-1922), the foundation of the Flor da União society in 1899 was taken into account, and in 1922, a period in which the irradiated movements around the club's activities became

¹ Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Faculdade União Araruama de Ensino (UNILAGOS). Docente do Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (São Matheus).

increasingly occasional. In this way, we hope to elucidate a different path about the history of the neighborhood, the suburbs and Rio de Janeiro, in an attempt to understand how diverse actors were central in the formation of space, that is, they acted in the constitution of a local identity.

KEYWORDS: Fun. Rio de Janeiro. Suburbs. Bangu.

Introdução

Quando lançamos olhares sobre as diversões nos subúrbios do Rio de Janeiro, é possível identificarmos um conjunto de experiências múltiplas, que permite compreender traços significativos quanto ao *modus operandi* local. Isso porque, pensar as diversões a partir das peculiaridades, como mesmo sugere Thompson (2002), significa analisar o objeto para além dos centros urbanos, mostrando-se necessário interpretá-lo sob uma nova ótica, distante de perspectivas que estabelecem determinadas regiões ou grupos como únicos protagonistas.

Logo, refletir sobre os meandros que orientaram a inserção e a consolidação dos divertimentos nos bairros suburbanos torna-se um ponto de partida. Trata-se de entender a história da cidade carioca de forma mais extensa e multifacetada, a qual permitiria reconhecer as experiências de grupos sociais não centrais, haja vista as singularidades ali representadas.

Se considerarmos tais questões como significativas na compreensão sobre os espaços de socialização, investigá-las nos permitiria ampliar os olhares sobre a história da cidade, notadamente por destacar o protagonismo de diferentes grupos sociais, não só a partir das distintas formações culturais, como também elucidando os variados mecanismos cotidianos usados para se viver melhor e refutar determinados estereótipos.

Dessa forma, tendo em conta as motivações desse debate inicial, neste estudo pretendemos nos debruçar sobre as especificidades de um bairro dos subúrbios do Rio de Janeiro: Bangu. O objetivo é analisar tanto a lógica que explica a organização dos

clubes Flor da União e Flor da Lyra, quanto os desafios e tensões que seus membros enfrentaram para consolidá-los, entre os anos de 1899 e 1922. Quanto ao recorte em tela (1899-1922), levou-se em consideração a fundação da sociedade Flor da União, em 1899, e, 1922, momento em que as ações irradiadas ao redor das atividades dos clubes tornaram-se cada vez mais ocasionais.

Com este estudo espera-se lançar um olhar sobre algumas importantes dimensões que marcavam os subúrbios na transição dos séculos XIX e XX. As sociedades recreativas suburbanas, ainda que se manifestassem como espaços das classes populares, recebem poucos olhares em suas especificidades, notadamente em bairros como Bangu.

Diversões no Bairro Operário

O bairro de Bangu, localizado na zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro, fica numa distância aproximada de 31 km da zona central. Habitado em sua maioria por trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil, a região mantinha características próprias comparadas às demais áreas da cidade. Seus moradores, em sua maioria, eram trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil, fundada em 1893 (SANTOS JUNIOR, 2017). Outrora rural Bangu ficava situada na freguesia de Campo Grande, uma das 21 freguesias que compunham a Capital Federal. Em 1895, ele contava com cerca de mil habitantes, sendo possível apontar um grande número de estrangeiros. Seis anos depois, o bairro tinha aproximadamente 6.300 habitantes, o que representou 55% de crescimento referente ao dado anterior. Deste número, Santos Junior (2013) sustenta que 1.500 eram trabalhadores da Fábrica, o que mostra a importância da indústria como centro econômico catalisador, instituindo, concomitantemente, um polo produtivo e um mercado consumidor.

Segundo Santos Junior (2020), foi no bojo de tal desenvolvimento que começaram a surgir as primeiras sociedades dançantes e esportivas na região. Nos primeiros anos do século XX, por exemplo, o bairro contava com um pouco mais de vinte e cinco associações, fossem elas de caráter esportivo como o Sport Club Americano, o Esperança Foot-ball Club e o próprio Bangu Athletic Club, fossem aquelas diretamente dedicadas às atividades dançantes ou carnavalescas como a Flor da Lyra, o Casino Bangu, a Flor da União e o Grêmio Prazer das Morenas.²

Se levarmos em consideração o número expressivo de clubes na região podemos apontar que esses espaços já se mostravam um relevante hábito social consolidado, não só pela quantidade, mas sobretudo, pela diversidade que eles representavam. Essa multiplicidade nos permite enxergar um nível significativo da capacidade de organização dos moradores da região, os quais criaram elos de interação e interconexão na construção de um sentimento de pertença a partir das relações estabelecidas nesses espaços. Visto dessa forma, as associações, em Bangu, podem ser compreendidas como ambientes de laços sociais mais estreitos, os quais não necessariamente se estruturavam por meio do convívio no trabalho ou da vizinhança. Na verdade, é justamente por intermédio dessa chave de leitura que se abre uma fresta para se entrever sobre que bases se estabeleciam solidariedades e confrontos entre os participantes e membros de uma mesma associação e desta com outros. Vejamos os exemplos dos grupos Flor da União e Flor da Lyra, ambos com sede no Marco seis, uma espécie de reduto comercial de Bangu, que reunia um número expressivo de imigrantes de várias nacionalidades.

Fundado em março de 1899, na Estrada Real de Santa Cruz, casa 254, pelos operários Manuel Carreira de Medeiros, Ibrahim da Cruz Tavares e Manoel Pereira de

² Para alcançarmos esse número, utilizamos o quadro de associações do Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, entre os anos de 1904 a 1912, tendo o bairro de Bangu como sede, disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional, por meio de seu sítio de Internet. Além disso, analisamos pedidos de licença enviados à Secretaria de Polícia do Distrito Federal e estatutos de clubes recreativos, disponíveis no Arquivo Nacional.

Lima, o Grêmio Carnavalesco Flor da União tinha como objetivo “criar diversões carnavalescas e familiares aos seus associados” (*O PAIZ*, 9 fev. 1907, p.3; *O PAIZ*, 19 fev. 1909, p.4; *JORNAL DO BRASIL*, 17 fev. 1908; *ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904). Muito além de uma agremiação formada por trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil, o Flor da União mostrou através dos estatutos indicadores do caráter amplo do clube, “o qual pode pertencer todas as pessoas desde que sejam dignas e honestas sem distinção de nacionalidade, religiões, cor, etc.” (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904).

Longe de ser um elemento pormenor, o primeiro artigo do seu estatuto já esclarecia a marca étnica que simbolizava a própria base de identidade construída pelos sócios do clube. Incorporar sócios mesmo sendo eles negros ou imigrantes, como era grande parte dos operários da fábrica, explicita a intenção de representar um quadro mais geral, sem qualquer tipo de distinção. O próprio texto com alguns erros de ortografia evidenciava o perfil social dos membros do clube, quase todos trabalhadores analfabetos ou semialfabetizados que não tinham pleno domínio da chamada linguagem culta.

Outro ponto importante em seu estatuto que um eixo de associação e identificação entre esses trabalhadores bastante peculiar está presente no Artigo LIV, que revela: “também pode ser sócia honorária as moças ou senhoras que prestam serviços relevantes ou donativos, etc.” (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904).

Além de ser um item ausente nos demais estatutos dos clubes da região, isso porque o corpo de diretores dos clubes dançantes era comumente formado por homens, fora os títulos oferecidos aos benfeitores, como era o caso do benemérito e

honorário, o clube dá indícios reais como um espaço de afirmação das relações sociais existentes em Bangu (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904). Talvez, não seja exagero vermos no próprio uso do nome “união” um símbolo que revelava não somente as características da localidade – na qual escravos, mulheres, brancos pobres e imigrantes se misturavam e criariam um sentimento de pertença, expondo a centralidade que esses elementos de sociabilidade e lazer assumiam na vida dos habitantes da região. Tratava-se, portanto, de uma sociedade que poderia ser composta por trabalhadores de baixa renda, que ganhavam com o clube um espaço próprio de articulação, independente da Fábrica de Tecidos do bairro da qual quase todos eram empregados.

Em 1900, outra sociedade fora fundada: o Club Carnavalesco Flor da Lyra, com o objetivo de “proporcionar aos seus associados diversões em épocas apropriadas à sua espécie e outros divertimentos a juízo de sua administração” (*ESTATUTOS DA FLOR DA LYRA*, 1903, p.1). Com sede no Marco Seis, a sociedade, também formada majoritariamente por empregados da fábrica, além de desfilar por toda região banguense, fazia-se presente em várias festas na região suburbana, estabelecendo relações muito próximas com agremiações de Campo Grande, Santa Cruz e Realengo (*CORREIO DA MANHÃ*, 17 out. 1906).

Diferente da Flor da União, atividades da Flor da Lyra não se limitavam aos festejos carnavalescos e bailes dançantes. O clube também demonstrava interesse por outras práticas de lazer. O futebol, por exemplo, fazia parte do cotidiano de seus associados, participando de campeonatos e jogos amistosos na região (SANTOS JUNIOR, 2020). Vejamos o caso do Torneio Intimo, organizado por “veteranos footballers” de Bangu:

Alguns “old sportmen” banguenses, tendo à frente os veteranos “footballers” Wenceslau Carreiro, Olívio Carvalho, Oscar Lemos, Mario Reis Cervalho, A.

Pillar, Gentil Gonçalves e Olympio Teixeira, organizaram um interessante torneio de football cujos teams terão as designações das principais sociedades de Bangu, como sejam: Lyra, Casino, Caravana, Prazer das Morenas, Flor da Mocidade e Grêmio Philomatico, e disputarão partidas desse jogo pelo sistema Metropolitano. Os Jogos terão lugar em o campo do Esperança F.C. e para hoje já estão escalados os teams Lyra e Philomatico, dando-se o “kick-off” às 9 horas. Atuará nesse encontro o capitão da Caravana, Gentil Gonçalves, e representará o comitê o representante do Casino, Oscar Lemos (*O IMPARCIAL*, 29 abr. 1917, p.11).

Na companhia de outras agremiações, a Flor da Lyra marcou presença em alguns torneios locais. Um indicativo de que muitos desses grêmios apresentavam uma multiplicidade de entretenimento local já nas primeiras décadas do século XX (SANTOS JUNIOR, 2019).

A fundação dessas duas sociedades banguenses marca uma intensa rivalidade na busca pela primazia local. Na comparação de seus estatutos, mesmo diante de tantas semelhanças, por exemplo, o valor da mensalidade de 1\$000, é ainda possível identificar traços que as diferenciasssem, notadamente em pontos referentes à relação sócio/clube (SANTOS JUNIOR, 2017).

A Flor da União, como fora exposto, fazia questão de oficializar, por meio dos estatutos, indicadores de caráter mais amplo, fosse pela viabilidade de associação de pessoas de qualquer cor, etnia e nacionalidade, ou, até mesmo, na efetivação de mulheres mulher entre os sócios honorários, item ausente nos demais estatutos dos clubes de Bangu. Além disso, a compreensão sobre os préstitos carnavalescos também era distinta, pois retomara velhos hábitos já não mais benquistos pela grande imprensa carioca, como apresenta o artigo IV e V do seu estatuto, denominado: “das fantasias do grêmio” (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904).

Nos três dias de carnaval todos os sócios deveriam estar devidamente fantasiados. Contudo, não poderia ser uma fantasia qualquer, somente nas cores verde, preto e encarnado, as quais simbolizavam o estandarte da sociedade. Para completar, também era necessário seguir as recomendações descritas, só podendo se fantasiar de

“palhaços, reis, rainhas, caboclos e velhos”, e claro, acompanhados de uma “pancadaria composta de pandeiros, caixas, tarôs e chocalhos” (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904).

Ao que tudo indica, a Flor da União não se importava com as opiniões expressadas pelos intelectuais da época, em especial àquelas referentes à “pancadaria” e às fantasias de “caboclo ou velho”. Olavo Bilac, que aspirava um modelo de carnaval à moda europeia, definia, em 1908, esse tipo de comemoração como um “espetáculo horrendo”, composto por “selvagens fantasiados” (DIMAS, 2006, p.131; *KOSMOS*, mar. 1904, p.3).

A Flor da Lyra, embora composta por trabalhadores da fábrica, não explicitava em seus estatutos indicadores que congregassem com tais perspectivas. Pelo contrário, reconhecida pelos bailes e préstitos “luxuosos”, assim citados pela imprensa, o clube conjugaria, segundo Pereira (2010), outros valores. Para o autor, “o próprio nome desnudava a proposta original da associação: ao fazerem menção à lira, instrumento europeu ligado à cultura clássica” (PEREIRA, 2010, p.286).

Entretanto, acreditamos que o olhar lançado por Pereira (2010) mostra-se ainda insuficiente, principalmente tendo como referência a nomenclatura do clube. O próprio nome Lyra era comumente associado a grupos de “negros e mulatos capoeiristas e apreciadores, em muitos casos, de violão e cantoria” (DIAS, 1997, p.331). Como nos mostra Cunha (2001), os padrões empregados pelas sociedades dançantes eram bastante variados, e os nomes utilizados por elas não configuravam claramente a diferença de tipologias e propósitos carnavalescos. Para a autora, “não seria prudente desse ponto de vista exagerar na importância dessa curiosa nomenclatura na construção de classificações ou tentativas de tipificar forma de Carnaval de rua” (CUNHA, 2001, p.172).

Ademais, há poucos indícios sobre a composição social dos grêmios dançantes ou esportivos de Bangu. Baseado em seus estatutos, sabemos, por exemplo, que o valor de 1\$000 de mensalidade era compartilhado por todas as sociedades do bairro, como também a participação de operários, mestres, contramestres e chefes de seção no quadro de sócios.

Para se ter ideia, entre as agremiações frequentadas pela elite carioca os valores eram consideravelmente elevados comparados aos clubes de Bangu, tornando-os praticamente inviáveis aos membros das camadas mais populares. Em 1915, os postulantes a sócios do Congresso dos Fidalgos, com sede na rua Assembleia, deveriam arcar com 20\$000 de joia e 10\$000 de mensalidade. Segundo Malaia (2013), já aqueles que desejavam compor o quadro de associados do Fluminense F. C., deveriam desembolsar, em 1917, 50\$000 de joia para que o requerente tivesse sua proposta analisada em assembleia — podendo ou não ser aprovada. Em caso de aprovação, o mesmo contribuiria mensalmente com 10\$000. Em caso de recusa, o clube não devolvia o dinheiro da joia.

Usando os dados compilados por Lobo (1971) e Malaia (2013) em relação aos salários de algumas das grandes fábricas do período, podemos perceber que as taxas cobradas pelos Fidalgos e Fluminense se tornavam impraticáveis para a maioria dos elementos da classe trabalhadora. O salário médio de um operário da Fábrica Bangu variava entre 103\$500 a 260\$640, dependendo da seção. Os vencimentos da Companhia de Tecidos Fiação Pau Grande giravam entre 136\$800 a 144\$360. Já os rendimentos dos trabalhadores da Brahma eram os mais elevados, contudo, ainda distantes para uma possível filiação. O salário mais baixo era de 375\$000, setor de expedição, e o mais elevado era de 536\$000, setor de engarrafamento.

Outro ponto importante é que não temos um percentual concreto dessa participação. Não sabemos ao certo se algum clube contava com um grupo maior de operários e outro com um número menor de mestres e contramestres. Os dados, tantos os colhidos em periódicos, como também as informações inseridas em atas, estatutos ou pedidos de licenciamento, não mostram indicadores objetivos sobre a composição social de agremiação A ou B.

Atentando para as considerações de Marc Bloch (1993) como requisito fundamental para se constituir uma análise mais minuciosa e comparativa, corroboramos a ideia de que dois aspectos irredutíveis seriam indispensáveis: de um lado, uma similaridade dos fatos; de outro, certas dessemelhanças nos ambientes em que esta similaridade ocorria (BLOCH, 1993). Em outras palavras, a comparação entre objetos contíguos, no caso os clubes de Bangu, permitiria a percepção para as influências mútuas, o que nos coloca em posição favorável para questionar falsas causas locais e esclarecer, por iluminação recíproca, as verdadeiras razões, inter-relações ou motivações internas e externas de um determinado fenômeno (BARROS, 2007). Assim, levando em consideração as semelhanças e diferenças, os traços fundamentais de um clube expressariam a particularidade do outro, dando a perceber tanto as ausências de elementos singulares quanto as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum.

Dessa forma, a particular importância revelada pelos clubes Flor da União e Flor da Lyra demonstra o valor e as especificidades do entretenimento de Bangu. Pesquisá-los, significa se aproximar um pouco mais dos nexos e meandros do cotidiano da região, bem como perceber os reflexos da vida divertida local em âmbito ainda mais estreitos. Nesse cenário complexo, em que muitas das vezes a utilização da violência se configurava como estratégias de domínio político e espacial, as sociedades disputavam

feira a feira a simpatia dos moradores. Por exemplo, a chamada do Jornal do Brasil de 10 de fevereiro de 1901, evidenciando a disputa entre os dois clubes da estação Bangu, os quais “percorrerão, em marcha triunfal, as ruas da cidade para saudar os seus valentes colegas em seus castelos” (*JORNAL DO BRASIL*, 10 fev. 1901, p.6).

Pelas Ruas de Bangu: Rixas e Identidades

De fato, acreditamos que as saídas pelas ruas do bairro impulsionaram a rivalidade local. O trajeto planejado era praticamente o mesmo, desfilando pelas vias da pequena comunidade operária, saudando de casa em casa sócios e colegas de trabalho (*JORNAL DO BRASIL*, 10 fev. 1901, p.7). Aliás, esse era um item presente no artigo XIV do estatuto da Flor da União: nos dias de carnaval, no momento em que o grêmio ganhasse as ruas de Bangu, “é obrigado visitar todos associados e amadores fazendo em frente sua residente uma “meia lua”, símbolo da agremiação (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904).

Os cantos também acentuavam a rivalidade. A Flor da União era reconhecida pelo “velho vulcão do caboclo”, saindo às ruas com suas “fantasias selvagens” e seus ruidosos batuques, os quais caracterizavam os mais extravagantes volteios coreográficos, aos gritos de:

O velho vulcão
É o rei da terra
Lançou a bandeira
Declarou a guerra
Seu general
Já vou-me embora
A Flor da União
Meu caboclo chora (*JORNAL DO BRASIL*, 10 fev. 1902, p.1).

A Flor da Lyra não ficaria atrás, as “ricas e deslumbrantes fantasias áureo-verdes” eram motivo de orgulho para seus sócios, os quais mostravam alta habilidades nas ruas do laborioso bairro de Bangu, cantando “notas alegres” em alto e bom som:

Oh! Meu beija-flor.
Beijando suas cravinas
Venha ver a Lyra que é
Amante das meninas (*JORNAL DO BRASIL*, 13 fev. 1902, p.2).

Não era de se estranhar, por isso, a rixa criada na localidade. Os laços de pertencimento estabelecidos entre sócios e clubes eram consideráveis e pouco prováveis em outras regiões. O simples gesto de passar em frente à casa de seu associado aos cantos, na tentativa de apresentar o feito da agremiação, indica, ainda que minimamente, uma identidade forjada a partir da complexidade que marca as experiências nesse cenário de transformação, baseado no contexto de atuação desses sujeitos sociais. Por exemplo, a carta publicada no *Jornal do Brasil* em 21 de fevereiro de 1901, assinada por “um operário”, agradecendo pelo “Zé Pereira” do Flor da União, que percorreu pelas ruas mais centrais do bairro, sempre “bem fantasiado” e “em boa ordem”. Por fim, finalizava o autor, afirmando que “é digno da corporação a que pertenço” (*JORNAL DO BRASIL*, 21 fev. 1901, p.3).

Outra carta publicada naquele mesmo dia também chamaria a atenção, desta vez escrita pelo então presidente Fernando João Machado, agradecendo ao diretor-gerente Sr. Eduardo Gomes Ferreira, que ofereceu um almoço aos sócios e operários em sua residência, “com maiores atenções e delicadezas” (*JORNAL DO BRASIL*, 21 fev. 1901, p.3). Diante de tal apreço, percebe-se a importância nas relações de proximidades feitas pela sociedade.

Por sua vez, havia do mesmo modo uma enorme probabilidade de encontro entre os dois grupos. Se levarmos em conta o curto espaço percorrido, do Marco 6 (sede das duas sociedades) até a Vila Operária, sabendo que naquele momento o bairro contava com um número inexpressivo de ruas, não restavam dúvidas, pois a qualquer momento poderia acontecer um embate entre as sociedades da região. Com tanta hostilidade entre os grupos, seus sócios travavam verdadeiras “batalhas”, chegando, às vezes, como

descreveu o cronista do Jornal do Brasil: “à cabo com seus antagonistas” (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902, p.3).

Um dos primeiros indícios da “rixa” aparece em 10 de fevereiro de 1902. O mal-estar ocorreu por conta de uma pequena nota publicada no Jornal do Brasil, com a notícia que “achava-se exposta à rua Gonçalves Dias uma coroa de flores” “oferecida pelo Sr. Francisco Teixeira ao Grupo Flor da União por sua vitória” (*JORNAL DO BRASIL*, 10 fev. 1902; *JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902).

Rapidamente, os diretores da S. C. Flor da Lyra negaram o conteúdo da nota, sob o argumento que “o tal Sr. Francisco Teixeira não tem competência necessária para julgar e decidir qual dos dois grupos cabe a palma no carnaval de 1902” (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902). Ademais, acrescentou a diretoria, “o grupo Flor da Lyra de Bangu, quando resolveu exhibir-se nas ruas da Capital Federal, não cogitou, nem cogitará, da opinião do Chico Teixeira, que talvez não exista” (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902, p.3). Para eles, o clube “só respeita e acata a opinião sincera e desapassionada do povo do Rio de Janeiro e das pessoas cultas e sensatas de Bangu, únicos tribunais a que se submente” (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902, p.3).

Diante da incomoda situação, o Jornal do Brasil emitiu duas novas notas; a primeira delas, afirmando, que após averiguações, o G. C. Flor da União havia, de fato, recebido uma coroa de flores pela vitória (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902). E por fim, saudando a visita do clube à redação do Jornal do Brasil, que após percorrer as principais ruas da cidade, “dançaram elegantemente acompanhados de seus velhos reis e palhaços” (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902, p.3).

Acreditamos, nesse caso, que a indignação da Flor da Lyra não foi pela simples derrota no desfile carioca de 1902. A perda da Palma Carnavalesca em outros anos não chegou a ser tema de qualquer debate nos periódicos da cidade, tampouco motivo de

criar qualquer indício de cisão em Bangu. Em outras palavras, a revolta justificou-se por se tratar de uma agremiação local: uma rival da região.

Dessa forma, não reconhecer e questionar a conquista de seu antagonista acentuava ainda mais a disputa, principalmente por conta da “suposta” relação do jurado com o clube adversário. Além disso, havia uma concorrência pela preferência da alta cúpula da Companhia Progresso Industrial do Brasil, que no caso citado, contou com a benção do dirigente português Eduardo Gomes Ferreira, e sua esposa Iria de Castro, que recebera, em sua residência, sócios do Flor da União, parabenizando-os pela vitória no Carnaval (*JORNAL DO BRASIL*, 11 fev. 1902).

Meses depois, a rivalidade ganharia novos traçados. Só que desta vez nas páginas policiais, sob o curioso título “Entre Flores”, uma alusão sarcástica ao nome dos clubes envolvidos. Ao narrar o conflito, o jornalista destaca que na estação de Bangu há duas sociedades inimigas: Flor da União e Flor da Lyra, que apesar do nome, não representavam “flores” para os seus associados (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 13 nov. 1902). Por “questões antigas”, enfatizava o autor, os grêmios não partilhavam de práticas amigáveis, ao ponto de alguns sócios, após ávida discussão, promoverem uma “grossa pancadaria”, com socos, chutes e bengaladas (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 13 nov. 1902, p.3; *JORNAL DO BRASIL*, 12 nov. 1902). Desse triste encontro, que levara o pacato bairro fabril ao caos, como destacou o repórter, saíram sete feridos, sendo seis sócios da S. C. Flor da Lyra e apenas um do G.C. Flor da União (*JORNAL DO BRASIL*, 12 nov. 1902). Ao final da confusão, os envolvidos foram submetidos a exames de corpo de delito pela autoridade da 3º circunscrição suburbana, que abriu inquérito para apurar os verdadeiros motivos da confusão (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 13 nov. 1902; *JORNAL DO BRASIL*, 12 nov. 1902).

Este, contudo, não foi o único embate entre grupos dançantes da região. Mesmo sendo repreendidos pela força policial, as duas sociedades voltariam a protagonizar um cenário de rivalidade um ano após o caso exposto acima (*JORNAL DO BRASIL*, 24 fev. 1903, p.4). O “grave conflito”, como fora anunciado pelo Jornal do Brasil, não ficou circunscrito a socos e pontapés (*JORNAL DO BRASIL*, 24 fev. 1903, p.4). Pelo contrário, em meio a luta, travada a faca e a navalhas, foram trocados vários tiros de revólver, saindo feridas diversas pessoas, entre elas José Martins de Oliveira, com dois tiros no ventre e um no braço, e Onofre de Souza, por uma “cacetada” na cabeça (*JORNAL DO BRASIL*, 24 fev. 1903, p.4).

Para conter o atrito, alguns moradores recorreram ao Inspetor Leal, da 3^o Circunscrição Suburbana, que mesmo acompanhado de praças, foi agredido “pelos desordeiros, sendo ferido com um golpe de navalha em um dedo da mão esquerda”, salientou o representante do Jornal do Brasil. Por fim, algumas prisões foram efetuadas. Já os feridos foram acompanhados às suas residências, sendo, posteriormente, submetidos a corpo de delito na repartição central da polícia.

Contrária ao conteúdo exposto pelo periódico, a diretoria do Flor da União rapidamente se manifestou, declarando que o clube não participou de qualquer embate. Para ela, houve uma confusão entre grupos de “crianças”, e que ali foi ferido o inspetor Leal, o qual poderia ser o único a confirmar a declaração (*JORNAL DO BRASIL*, 25 fev. 1903, p.3). Os diretores também acrescentaram que no momento da briga seus sócios encontravam-se festejando em Campo Grande. Quanto aos disparos feitos no Marco 6, às 21 horas, eles sustentam que os rapazes não faziam parte do quadro de associados, dessa forma, não teriam qualquer relação com a sociedade dançante. Vale destacar que o clube trazia no artigo XXIV, inciso IV, um item referente às ações que pudessem comprometer a integridade moral do grêmio (*ESTATUTOS DO GRÊMIO*

CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO, 1904). Talvez seja esse o motivo de uma resposta imediata, pois caso algum membro, independente do cargo, promovesse o “descrédito ou ruína do grêmio” seriam “suspensos e punidos” de acordo com “a falta e a lei social” (*ESTATUTOS DO GRÊMIO CARNAVALESCO FLOR DA UNIÃO*, 1904).

Já os diretores da Flor da Lyra optaram inicialmente pelo silêncio. Porém, ao ver a nota lançada pela rival no dia anterior, apressou-se, explicando o equívoco. Em nota, a diretoria declarou ao público que:

[...] em vista do artigo publicado no Jornal do Brasil de 23, a pessoa que pôs o mesmo não estava baseado no que escrevem: a prova é que a diretoria da Flor da União diz que não se entende com pessoas que fazem parte de sua sociedade, e nós declaramos que também não se entende com o pessoal da Flor da Lyra, porque na ocasião do conflito nos achávamos reunidos dentro da sede da mesma, quando, e pediu que ter chegou o inspetor Duarte, do Realengo, às 12 horas e meia da noite e pediu que terminasse o baile, para evitar qualquer desacato (*JORNAL DO BRASIL*, 25 fev. 1903, p.4).

Percebe-se claramente a tentativa de amenizar a situação em ambos os discursos. Afinal, associá-los à violência os colocariam em situação desconfortável frente aos representantes das colunas de entretenimento mais importantes da época, intensificando a representação de perigo entre sociedades populares. Mesmo diante de tal situação, não trocaram nenhuma mensagem de estima, pelo contrário, apenas apoiaram-se na mesma justificativa dizendo que aqueles indivíduos não faziam parte de seu grupo de sócios.

As sociedades voltariam a ter destaque por seu antagonismo em agosto de 1919. Desta vez, motivado por um concurso organizado pelo *Bangu-Jornal*, um periódico local. Fundado em julho de 1918, pelos senhores Augusto Rangel (redator-chefe), Luiz Nogueira Barbosa (redator-proprietário) e Antonio F. da Silva (secretário), todos moradores da região, o jornal com sede na Rua Silva Cardoso, número 22, no bairro Bangu, tinha como objetivo “defender os interesses locais, com sinceridade sem paixão de espécie alguma”, como apontou em seu primeiro número:

Qual a pretensão do Bangu-Jornal?
- Homenagear a ideia! [...]

Eis, em síntese, a delicada missão d'este “pigmeu” que ora ousa vir à luz! Verdadeiro centro de atividade, pois conta com indústrias próprias, um comércio em franca prosperidade, Bangu que, com justiça e sem favor, pode ser qualificado: uma cidade Operaria – possuem elementos ótimos e capazes de, impondo seu valor real, assegurar para sempre uma bela harmonia do seu conjunto. Era, pois o tempo de surgir em seu seio um órgão de imprensa própria, que, fazendo refletir com imparcialidade, todas as manifestações do sentir do seu grande público, fosse o seu legítimo representante ante as administrações públicas, pois, dada a grande importância de sua população, sempre em crescente progresso, é fato que as necessidades são inúmeras, como inúmeros são os problemas que se farão dignos da atenção dos nossos governantes (*BANGU-JORNAL*, 14 jul. 1918, p.1).

Nota-se, que o jornal destaca o crescimento de uma cidade operária, sendo possível apontá-la como um “verdadeiro centro de atividade” (*BANGU-JORNAL*, 14 jul. 1918, p.1). Para refletir esse “próspero progresso”, era necessário uma imprensa que se preocupasse com os problemas locais, um jornal próprio, um “legítimo representante ante as administrações públicas” (*BANGU-JORNAL*, 14 jul. 1918, p.1). Esse discurso, presente na maioria dos periódicos suburbanos, fazia-se valer pela necessidade de criar vínculos com o bairro de origem, porque contar com o apoio da população local era fundamental para o seu crescimento.

Naquele momento, ter um número expressivo de assinantes significava dar continuidade aos seus propósitos e, para isso, desfrutar do auxílio dos moradores e comerciantes da região era algo mais que necessário. Pensar, dessa forma, uma disputa entre clubes locais seria uma excelente ideia, pois buscaria, por meio do sentimento clubista, recursos para dar continuidade aos projetos outrora expostos.

O concurso foi lançado em 20 de agosto de 1919. Seu objetivo era simples, descobrir qual seria o “grêmio carnavalesco mais simpático do Bangu?” (*BANGU-JORNAL*, 20 ago. 1919, p.3). Caso o assinante quisesse opinar, bastava preencher uma pequena coluna no canto inferior do jornal e depositá-la na urna que ficava na redação.

A primeira parcial saiu no número seguinte, no dia 28 de setembro de 1919. A disputa estava acirrada, liderada pela Sociedade Dançante Prazer das Morenas, com 72 votos, seguido do Grêmio Flor da Lyra com 59, Flor da União com 44 e, por último,

Botão de Ouro com 29 votos (*BANGU-JORNAL*, 28 set. 1919, p.2). Entretanto, a edição de 25 de outubro trazia uma reviravolta, motivado pela participação assídua de sócios e simpatizantes da região. Nessa edição, a Flor da Lyra assumiria o posto de primeira colocada, saindo dos 59 votos da última parcial para 140 votos (*BANGU-JORNAL*, 25 out. 1919). Em segundo lugar, tínhamos o Prazer das Morenas, com 95 votos, seguidos da Flor da União e Botão de Ouro com 54 e 39 votos respectivamente (*BANGU-JORNAL*, 25 out. 1919).

Com o seu último número publicado em dezembro de 1919, o Bangu-Jornal não publicara o resultado final do concurso. Na verdade, o periódico seguia o destino das demais folhas arrabaldinas. Para muitos, produzir um jornal nos subúrbios naquele período era uma verdadeira “missão”, pois a concorrência com outros órgãos da imprensa a muito estabelecidos na cidade, cujo financiamento era menos inseguro, tornava-se a tarefa ainda mais trabalhosa.

Ainda assim, Luiz Nogueira Barbosa, redator-proprietário do jornal, tratou de publicar na Gazeta de Notícia de 4 de fevereiro de 1920 o resultado da disputa entre os grêmios carnavalescos mais simpáticos de Bangu. Na pequena nota, o antigo redator escreve que “coube ao Grêmio Carnavalesco Flor da Lyra a vitória desse concurso, o qual, devido à suspensão momentânea da nossa folha, não teve toda a elasticidade desejável” (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 04 fev. 1920, p.5).

Quanto à premiação, Luiz Nogueira Barbosa declara que “a medalha do vencedor, com inscrição no verso, será entregue por estes dias na sede do G. C. Flor da Lyra”, informando em seguida o resultado final: G. C. Flor da Lyra, 426; G. C. Prazer das Morenas, 210; G. C. Flor da União 135; G. C. Botão de Ouro, 98 (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 04 fev. 1920, p.5).

Do concurso, podemos tirar algumas conjunturas interessantes que nos ajudarão a compreender o *modus operandi* local. A primeira delas é a posição ocupada pelo Clube Flor da União no concurso. Observa-se, que após quase duas décadas do último embate noticiado, o clube perdera o prestígio que gozava em outrora. A notícia publicada pela Gazeta de Notícias naquele mesmo mês, ou melhor, três dias após o resultado do concurso, ajude, talvez, a explicar os motivos da colocação ocupada pela agremiação.

Na rua Francisco Real, em Bangu, acaba de ser organizado este apreciado bloco carnavalesco, que estava há alguns anos já “encostado”, por falta de patriotismo dos velhos foliões. O pessoal desta vez em disposto a fazer um “bonito”, segundo nos afirmou em cara o Sr. Bastos. Já para hoje haverá um grande baile em honra da sua nova diretoria, que ficou assim constituída: presidente, Ernesto Soares Bastos; Vice, Candido Pimenta Santos; 1º secretário, Manoel Ribeiro; 2º secretário, Nestor dos Santos; Tesoureiro, Júlio Ferreira Cruz; 1º procurador, José Saraiva; 2º procurador, José Dias; 1º fiscal, Odorico Alves; 2º, Luiz Ferreira. Conselho fiscal: Srs. Manoel Pereira Lima, Francisco Silveira e José Maria Camargo (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 07 fev. 1920, p.5).

Certamente, muitas mudanças foram feitas ainda na primeira década de 1910, motivo pelo qual pode ter afastado “velhos foliões” e contribuído para o “afastamento” da sociedade no cenário de entretenimento suburbano da época. A fusão aprovada em assembleia geral extraordinária de maio de 1903, proposta pelo Sr. Francisco Graça Leitão, de fato, pode ter colocado o clube em outro patamar inicialmente, mas ter mudado as perspectivas iniciais do clube (*A NOTÍCIA*, 02 maio 1903).

A união entre as Sociedades Enterpe Club e a Flor da União, passando essa a ser musical e dançante, aumentaria o patrimônio do antigo clube, de fato, além de abrir as portas para novos horizontes ao clube, conseguindo, até mesmo, ocupar um lugar de destaque entre as principais sociedades suburbanas. O clube não fazia mais seus Zé Pereiras, mas, contava, a partir daquele momento, com o “mestre da música” Sr. Gentil P. Gonçalves, um velho conhecido na região (*A NOTÍCIA*, 02 maio 1903, p.3).

Por sua vez, as mudanças nas características dos festejos, ainda que pouco perceptíveis, somadas à migração de sócios para outras agremiações, entre elas a ascensão do Prazer das Morenas, clube considerado coirmã, conjugaram para o esvaziamento do clube. A dificuldade em conseguir novos sócios só aumentara, fora a indiferença dos antigos para as assembleias locais. O reflexo desta desmotivação pode ser visto em nota publicada pelo diretor Ubaldino da Silva Rangel em 06 de janeiro de 1906 (*JORNAL DO BRASIL*, 06 jan. 1906).

O informe, noticiado pelo Jornal do Brasil, convidava sócios quites a comparecerem segunda-feira, do dia 08 corrente, às 19 horas, para assistirem à assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem do dia: “eleição de cargos vagos e aprovação dos novos estatutos” (*JORNAL DO BRASIL*, 06 jan. 1906, p.5). Por fim, o comunicado finaliza dizendo que “a assembleia funcionará com qualquer número de sócios” presentes, visto ser essa a “terceira convocação” (*JORNAL DO BRASIL*, 06 jan. 1906, p.5).

Ao que tudo indica, a reunião, mesmo esvaziada, ocorrera, sendo aprovado, entre outros pontos, o novo estatuto. Entretanto, percebe-se que a sociedade dava seus primeiros sinais de declínio. Dois anos depois, a Flor da União novamente ganharia destaque nos periódicos da cidade, porém, informando que no carnaval de 1908 não sairia às ruas do bairro. Lamentando, o cronista do Jornal do Brasil dizia que todos os anos, “além dos bailes que costuma realizar nos dias de Carnaval, esses valentes carnavalescos saem à rua com seu lindo estandarte, cujas cores são verde, encarnado e preto” (*JORNAL DO BRASIL*, 17 fev. 1908, p.6). Este ano, porém, “os festejos são internos”, por conta da “reforma completa em seus salões, decorações e mobiliário” (*JORNAL DO BRASIL*, 17 fev. 1908, p.6).

No entanto, a população banguense não ficaria sem seus festejos. “Os bailes serão nas noites de 29 do corrente, 1, 2 e 3 de março”, começando “às 21 horas, terminando já se vendo o amanhecer” (*JORNAL DO BRASIL*, 17 fev. 1908, p.6). Para esse fim, foi contratada uma “esplêndida banda, que fará ouvir as últimas novidades em polcas, valsas, etc.” (*JORNAL DO BRASIL*, 17 fev. 1908, p.6).

Mesmo estando “os salões franqueados desde pela manhã até às 18 horas para a população do bairro visitá-lo”, o fato é que a agremiação perdera o contato corpo a corpo de outros anos (*JORNAL DO BRASIL*, 17 fev. 1908, p.6). Em contrapartida, a antiga rival só aumentava seu prestígio diante da população banguense. Por sua vez, acreditamos que a fusão feita no final de 1903, e, por conseguinte, a entrada de outros personagens no corpo de diretores, as ideias mais populares tenham se perdido por seus estatutos, criando novas perspectivas ao clube arrabaldino.

Vale destacar que, naquele período, a cidade do Rio de Janeiro vivenciava um contexto histórico, assim como opções políticas, conectados a um modelo de desenvolvimento social e econômico cujos paradigmas eram as sociedades europeias. Esse modelo desdobrava-se numa cidade elitista e desigual, do ponto de vista do acesso à rede de infraestrutura, aos serviços urbanos, às possibilidades profissionais e habitacionais, mas também racista, ao se considerarem os modos de apropriação da cidade que parte da população negra desenvolveu.

Contudo, percebemos que mesmo assim, as redes de entretenimento não se esvaziaram, pelo contrário, iniciativas como a Flor da União e Flor da Lyra, entre outras tantas espalhadas pelos subúrbios da antiga capital, crescia vertiginosamente, ao ponto de se tornarem um dos motes da barbarização de homens e mulheres pretos e mestiços as olhos daqueles que pleiteavam a edificação de uma cidade moderna e burguesa, mas ao mesmo tempo, entoava ares de multiculturalidade às práticas de lazer nos arrabaldes.

De fato, os episódios narrados são exemplos que se repetem quase que cotidianamente nas páginas policiais dos jornais da cidade. Os motivos, a propósito, eram bem diversos, revelando não só uma teia relacional complexa de rivalidade, como também ações de sociabilidade e solidariedade, que pode nos ajudar a vislumbrar as nuances do cotidiano e experiências desses clubes populares sob os aspectos da linguagem, simbolismo, narração e organização. Ou seja, identificamos que esses espaços de relações e conflitos forjavam identidades a partir de outros critérios que podiam ser ao mesmo tempo antagônicos e complementares.

Dessa forma, não são raros os registros de violência entre clubes de Bangu nas páginas policiais. As brigas e assassinatos, na maioria das vezes, giravam em torno da rivalidade composta por grupos vizinhos, como foi o caso das “Flores” de Bangu, ou, por desavenças entre membros da mesma sociedade ou de outras nacionalidades, expondo uma heterogeneidade no âmbito de diferentes segmentos das classes populares, assim como canais de ambientação e estruturação que floresciam à margem do cosmopolitismo idealizado pelos intelectuais da época.

Considerações Finais

A busca pelo divertimento em Bangu pode ser sentida desde os últimos anos do século XX, quando operários da Fábrica de Tecidos da região fizeram das associações recreativas elos de convivência e relação, os quais viabilizaram a construção de laços identitários mais amplos. Esses espaços não só permitiam articularem a solidariedade entre os mesmos, como também, na medida em que vissem a necessidade, a mobilização em defesa de seus costumes e valores, articulando coletivamente elementos de sua experiência cotidiana.

Dessa forma, a partir das discussões travadas ao longo do texto, percebemos que a experiência de viver em Bangu se deu de forma complexa e plural. Contrariando a perspectiva de homogeneidade das vilas operárias, em Bangu havia diferenças de etnia, condição social, cor, gênero, que tinham um papel determinante no convívio social, não só no ambiente fabril, mas desdobrando-se também nos bailes e festas realizados pelos clubes da região. Ao longo daqueles anos, o “laborioso bairro” vivenciou disputas coletivas, porém não menos individuais, por posições de poder e *status* locais, e, claro, pela paixão clubista.

A ideia de que os clubes seriam áreas alheias ao movimento por melhores condições de vida, sendo, portanto, o espaço da festa neutralizador de gestos e atitudes de enfrentamento das estratégias de dominação do patronato, não se sustenta quando o foco se volta a relações e experiências estabelecidas entre operários e sociedades. Acreditamos que analisar essas experiências sob o olhar da diversão, e não sob algum modelo criado *a priori*, possibilita problematizar a fundo as redes de sociabilidades fomentadas naqueles espaços, haja vista o seu protagonismo em ações objetivas e simbólicas, as quais permitiram pluralizar e tencionar um sentimento de pertencimento e identidade local.

REFERÊNCIAS

BANGU-JORNAL, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1918, p.1.

_____, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1919, p.3.

_____, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1919.

_____, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1919, p.2.

BARROS, José D’Assunção. História Comparada - da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social** (UNICAMP), v. 13, p. 07-21, 2007.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos** – o caráter sobrenatural do Poder Régio. França

e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1906.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia**. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, Luiz Sérgio. A turma da lira. Sobrevivência negra no rio de Janeiro pós-abolicionista, **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Iphan, n. 25, 1997.

DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: crônicas. V.2. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Editora da Unicamp, 2006.

ESTATUTOS da Flor da Lyra, 1903, p.1

ESTATUTOS do Grêmio Carnavalesco Flor da União, 1904.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1920, p.5.

_____, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1902.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1917, p.11.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 1906.

_____, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1901, p.6.

_____, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1901, p.7.

_____, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1902, p.1.

_____, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1902, p.3.

_____, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1902.

_____, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1902, p.2.

_____, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1908, p.6.

_____, Rio de Janeiro, 17 fevereiro de 1908.

_____, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1901, p.3.

_____, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1903, p.4.

_____, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1903, p.3.

KOSMOS, Rio de Janeiro, março de 1904, p.3.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer, MADUREIRA, Lucena Barbosa, CANAVARROS, Octavio, FERES, Zakia e GONÇALVES, Sonia. Evolução dos preços e do padrão de

vida no Rio de Janeiro - resultados preliminares. **Revista Brasileira de Economia**, v. 25, n. 4, p. 235-65, 1971.

MALAIÁ, João Manuel. Rio de Janeiro, meios de transporte e a dinâmica do futebol: a ocupação do espaço pelos clubes e ligas cariocas na 1ª República. **Espaço e Economia**, v. 1, p. 1-20, 2013.

A NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 02 de maio de 1903.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1909, p.4.

_____, Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1907, p.3.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O Prazer das Morenas: bailes ritmos e identidades no Rio de Janeiro da Primeira República. In: MARZANO, Andrea. e MELO, Victor Andrade de. **Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Record: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 6, p.1-19, jan./jun., 2013.

_____. **A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)**. 2017. 230f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

_____. Diversão à Moda Suburbana. **Licere**, v. 22, p. 167-187, 2019. DOI: <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.12318>.

_____. Nos pátios e salões: o associativismo nos arrabaldes de Bangu (1895-1929). **Revista de História Regional**, Juiz de Fora, v. 25, n.1, p. 81-102, 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa III: a força dos trabalhadores**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Endereço do Autor:

Nei Jorge dos Santos Junior
Endereço eletrônico: edfnei@hotmail.com